



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6656 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT02 - História da Educação

O ENSINO DE HISTÓRIA NA PROMOÇÃO DA AUTONOMIA DO INDIVÍDUO: UM OLHAR A PARTIR DA LEITURA DA OBRA A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE

Cristiano Marinho Braga - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Dimas dos Reis Ribeiro - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Francisco Antonio Cruz de Sousa - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

O ENINO DE HISTÓRIA NA PROMOÇÃO DA AUTONOMIA DO INDIVÍDUO: UM OLHAR A PARTIR DA LEITURA DA OBRA A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE

Palavras-Chave: Ensino. História. Autonomia. Memória. Identidade.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho apresenta um estudo a partir da obra A Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, num diálogo com o ensino de História e a utilização de imagens históricas da cidade de Carolina - MA, demonstrando aspectos do desenvolvimento da autonomia educacional dos educandos, bem como da formação da memória e da identidade local. Carolina é apresentada como uma cidade importante para a História brasileira e os estudantes desta localidade pouco a conhecem. Para essa discussão trouxemos também elementos ligados à narrativa freiriana, bem como, suporte teórico de outros autores que conversam na perspectiva de formar indivíduos a partir da preservação de sua autonomia enquanto ser social, da memória do local, da construção e constituição da identidade de cada um.

Uma formação educacional que atenda à sociedade no sentido de formar indivíduos preocupados com a construção de sua própria cidadania, de seu espaço de vivências, de sua comunidade é o grande sonho da educação no nosso país.

O estudo de elementos históricos e culturais locais ou regionais é de suma importância

no sentido de fazer os indivíduos que estão em fase de formação básica, aprenderem a valorizar e a construir a sua própria identidade, partilhando de uma memória de todos. E acreditamos que aqui se pode aplicar um dos conceitos de Paulo Freire em que acredita que ensinar exige respeitar o conhecimento prévio de mundo que o estudante trás para o ambiente educacional.

Ler e discutir a partir de uma perspectiva libertadora e que preze pela autonomia à luz de Paulo Freire torna-se ainda mais significativo e representativo na atualidade, onde o Brasil possui um governo que não demonstra maiores interesses para com uma educação pública de qualidade. Devemos, inspirados nessa autonomia, procurar assumir posturas éticas, como explica Freire em sua obra, não deixar de ser fiéis à nós mesmos e para com o que acreditamos só para agradar a quem quer que seja.

A cidade de Carolina é uma cidade da “Região Tocantina”^[1] que se destacou como uma das primeiras cidades no “caminho do gado”^[2], na interiorização do Maranhão. Está situada ao sul do estado do Maranhão, na divisa com o norte do atual Tocantins, antigo norte-goiano e, viveu seu auge econômico, político e cultural entre as décadas de 1930 a 1960 do século passado. Naquele período, o maior porto e a maior rota fluvial do norte-goiano e sul do Maranhão.

No entanto, pouco se sabe sobre essa História que o município viveu tempos atrás, desconhecida pelos estudantes na atualidade. Coelho Neto (1976), retrata uma paisagem dos anos 1930 e 1940, desconhecida pela nova geração. É importante esse resgate da memória, da História e da identidade local na promoção da autonomia desse estudante que pouco se reconhece na região onde vive.

PRIMEIRAS PERCEPÇÕES, DOCÊNCIA E DISCÊNCIA ESTÃO IMBRICADAS

Paulo Freire é um dos teóricos da educação mais citados no mundo, respeitado por muitos pelas suas contribuições no mundo intelectual e da educação. Possui diversos livros publicados e traz como referência em sua leitura de mundo um modelo de educação voltado à percepção e reconhecimento do outro enquanto sujeito de si mesmo.

Em **A Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**, discute sobre o problema da formação de professores, e defende uma educação pautada na solidariedade do educador para com o educando. No reconhecimento do educando como sujeito de sua própria História e por isso deve ter sua trajetória de vida respeitada. Segundo o autor o que o educador deve ter em mente é que educar não é transferir conhecimento (1996; p. 22). Afinal, o aluno não é um depósito de informações, ele tem uma vida, uma vivência, um conhecimento que precisa ser explorado e respeitado até mesmo para que ele se sinta parte no processo de ensino aprendizagem.

É imprescindível compreender, assim como Paulo Freire que no ensino da História, assim como nas demais disciplinas, não é o professor o detentor do conhecimento, aliás, nunca haverá detentores do conhecimento. Não é o professor que falará a aula toda como em um monólogo de teatro, é necessário ouvir o outro, nesse caso, o educando que traz o seu conhecimento de mundo. Entendemos aqui, o conhecimento que o aluno traz de suas vivências como suas memórias em construção.

Também é necessário que o ensino da História se faça autônomo, dinâmico,

processual e gradativo uma vez que, explica o autor, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprender ensina ao aprender, então, logo, o processo de ensino aprendizagem é uma troca constante e permanente de conhecimentos” (1996, p.23). O ensino, seja qual for a área do conhecimento é troca, intercâmbio de experiências, de vivências e de conhecimentos singulares de cada um.

Ao trabalhar a nossa perspectiva a partir do ensino de História por um viés que localize na História, na memória e na identidade elementos que constituam e que construam o indivíduo, o educador deve suscitar nos estudantes o gosto pela rebeldia, pelo conhecimento, pela curiosidade em aprender que nomeia como “curiosidade epistemológica” (1996, p.25). Faz aqui necessário pensar na criticidade evocada pela História, que é uma ciência que olha para o passado com um olhar crítico sobre os acontecimentos do presente. Afinal, os estudantes precisam sentir-se sujeitos no processo de ensinar e aprender, precisam se sentir sujeitos críticos.

O autor acredita que não pode haver ensino sem a pesquisa, e nem pesquisa sem ensino, é do próprio ofício do educador o gosto pela indagação e questionamento, pela problematização que a pesquisa fomenta. Ensinar é respeitar o outro e o conhecimento que ele traz consigo, saberes construídos na sua convivência social. O ato de ensinar exige de nós criatividade e curiosidade, é ela, a curiosidade que nos move.

Segundo Freire o ato de ensinar é a corporificação da palavra pelo exemplo, o exemplo ensina bem mais que as palavras, elas de nada valem sem o exemplo. Devemos pensar que ao ensinar, ensinamos homens e mulheres, o ato de educar é apenas para homens e mulheres. Homens e mulheres são construtores de sua própria História. E a História deve desenvolver seres humanos críticos, críticos de suas práticas e da sua realidade.

Nesse contexto, ressalta a História, como parte importante na formação do indivíduo inserido no contexto social. Segundo Marc Bloch, em “Apologia da História ou o Ofício do Historiador”, a “História deve voltar-se para os indivíduos ou para as sociedades, para a descrição das crises momentâneas ou dos elementos mais duradouros” (2002, p. 51), a História é a ciência que estuda a ação do homem no tempo e no espaço.

A observação do indivíduo e suas ações nos seus espaços de vivências, nos seus contextos, são parte dos fundamentos dos estudos da História enquanto ciência humana. Freire expõe sobre a ciência de caráter puramente humano que tanto a pedagogia quanto a História se constituem uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade que é a própria autonomia do educando.

A História é um processo em formação. Seres humanos são agentes históricos, homens e mulheres são agentes produtores de História e de suas próprias histórias, é necessário que enquanto educadores, na visão de Paulo Freire, desperta no educando esse caráter de sujeito de sua História, trajetória e autonomia.

É necessário perceber, na obra de Freire, o caráter humano e crítico do fazer pedagógico. Perceber que ensinar exige a reflexão crítica. Exige uma prática docente crítica e implicante no sentido de busca pelo pensamento correto da prática docente. O docente tem que ser fiel a si mesmo, aos seus princípios, a aquilo que acredita.

Diz o autor: “está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra a injustiça contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador” (1996, p.40). Essa raiva é motivadora de transformação e ao mesmo tempo de formação social integral do indivíduo. É uma raiva que luta contra as maldades presentes na sociedade e que impede o crescimento dos menos

favorecidos desta mesma sociedade.

E nesse processo formador por meio dessa raiva que inquieta em vista da injustiça social surgir um ser social e histórico, uma identidade cultural democrática, crítica, reflexiva e libertadora.

O ato de educar é tratado pelo autor como um exercício cotidiano e de duração permanente. Onde o professor assume uma postura amorosa para com os educandos, sendo estes sujeitos sócio-histórico-culturais fazendo ocorrer o desvelamento da figura do professor.

O professor não deve ser alguém distante do aluno ou um ser desconhecido deste, muito pelo contrário, o autor nos ajuda a entender os elementos constitutivos da compreensão da prática docente como dimensão social da formação humana. A prática docente ligada diretamente à formação social de cada um, diretamente ligada à formação humana.

CONSTRUÍND O CONHECIMENTO E SUA HISTÓRIA - PROFESSOR E ALUNO

Acreditamos que um dos grandes desafios da História é fazer com que os educandos consigam estabelecer relações de suas vivências com o ensino da escola. Seja esse ensino de conteúdos da antiguidade clássica ou conteúdos modernos, é sempre trabalhoso requerer do estudante o interesse por algo com o qual ele não se reconhece.

Esse interesse pode ser despertado a partir da relação que se estabelece entre o professor de História e o educando. O discurso do educador deve ser exemplo concreto e prático da teoria, não se deve fazer uma separação desta ou daquela, teoria e prática estão intrínsecas no fazer pedagógico de um professor democrático.

O autor afirma que ensinar é ter plena consciência de que homens e mulheres são seres inacabados, são seres em construção, e não mais pertinente à escola e o ambiente estudantil observar os estudantes como seres em construção. Na visão de Bloch e Freire, a História também está em construção, é constitutiva do indivíduo e construída por ele. A História está em permanente construção e o educador é parte integrante nessa construção de um novo ser, além de se construir e reconstruir com o educando.

Para Freire, temos que ter em mente que homens e mulheres são seres que precisam refletir a sua própria prática e a partir dela construir uma nova, esse processo não se dá por meio de um ensino que apenas “despeja” conhecimento no outro, mas ocorre de maneira processual, através de uma troca afetiva entre educando e educador e entre família e escola. O ser humano é um ser que deixa sua presença no mundo assumindo sua posição de sujeito construtor da História, pois é na inconclusão do ser que a educação se forma (1996, p.58).

Para Michel Pollak, em *Memória e Identidade Social*, onde escreve sobre a importância do “lugar como construtor de memória” (1992, p. 03), de significado, uma “ligação estreita entre a memória e o sentimento” (1992, p. 04), a ligação entre os espaços públicos da cidade e o sentimento dos cidadãos locais é parte importante no contexto de levar o estudante a ser autônomo e construtor de si mesmo, haja vista que para formar-se é preciso que ele conheça os elementos que o tornaram ser quem ele é.

Freire explica que educação também é sentimento, um sentimento partilhado, e compartilhado entre os sujeitos do local e o próprio local que provoca o afloramento desses sentimentos, por sua vez, elementos constitutivos de sua memória comum. O lugar do qual os alunos fazem parte é a própria representação da memória deles e dos que vieram antes deles.

É primordial que o educador possa respeitar esses conhecimentos em seu trato educacional. Saber que devo respeitar a autonomia, a dignidade e a identidade do educando, diminui a distância entre o discurso e a prática (1996, p.65).

Pollak também acredita que a memória é um elemento constitutivo da identidade do local, que traz aos estudantes o sentimento de pertencentes ao espaço onde nasceram, cresceram e vivem e podemos perceber que ensinar História a partir de um viés da localidade, poderemos ter em mente a possibilidade de despertar no estudante essa percepção do mundo que está em sua volta tornando-o um agente de transformação dele, aliás, o ensino, a educação transformam, a educação é transformadora, um ato político, pois exige nossa real percepção da realidade, é preciso que saibamos conhecer as dimensões e diferenças nas realidades de nossos educandos para sermos essa influência da qual eles precisam para transformarem suas realidades. Nesse contexto o ensino de História é significativo.

Em *Ensino de História e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão* (1999), Carlos Augusto Lima Ferreira, escreve;

Deveríamos produzir um ensino que procure desenvolver a produção do conhecimento vinculando o ensino e a pesquisa, oportunizando aos sujeitos do processo uma postura que leve sempre ao questionamento, à coleta de dados bem como à permanente reflexão (1999, p. 145).

O autor coloca que é importante possibilitarmos aos nossos estudantes um ensino onde ele seja participante e produtor de conhecimento, onde ele mesmo refaça suas concepções e a partir daí esteja em constante reflexão sobre seu papel na sociedade e na construção de si mesmo.

Despertar nos educandos o interesse pela criticidade de seu próprio espaço de vivência é o ponto chave para que posteriormente possam ser atores de sua transformação. Retomando o pensamento de Freire, ele acredita, assim como nós, que assim como a História é possibilidade, também o ensino dela o será e, o será no sentido de ser capaz de gerar nos educandos a possibilidade do ser em si (1996, p.76).

A História como disciplina que possibilita ao educando se construir e reconstruir a partir da educação e das abordagens reflexivas e democráticas defendidas por Freire, que elenca a autonomia do ser desses estudantes, pode ser a solução para grandes problemas de desinteresse de muitos alunos brasileiros, para com a forma que a própria educação funciona no Brasil. A boa relação que se pode estabelecer entre professor e aluno, educador e educando também é o fator primordial para a melhoria do ensino no país.

ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA - CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE

O ato de ensinar é um ato exclusivo dos seres humanos, homens e mulheres são os que podem ao mesmo tempo ensinar e aprender e são capazes de serem e produzirem política. A política é praticamente um componente indissociável da História humana. Freire concorda que o educador deve construir uma identidade docente a partir da amorosidade que tem para com o educando e o conhecimento que adquire ao longo de seu exercício prático do trabalho

como professor (1996, p.92).

No nosso discernimento, percebemos que muitas vezes o ensino de História não propicia aos educandos o reconhecimento de si mesmos nos conteúdos abordados em sala de aula, que os conteúdos e as abordagens do cotidiano deles em nada os fazem sentir-se pertencentes àquele lugar, aquela sala, aquela História. Não há nos educandos o reconhecimento de sua identidade.

Nesse contexto, Stuart Hall, em *A identidade Cultural na pós-modernidade*, escreve: “as culturas nacionais ao produzirem sentido sobre “nação” que estas não são compostas apenas por instituições culturais, mas, também, por símbolos e representações (1992, p. 53).

Esses símbolos e representações nos provocam com utilização de imagens representativas da memória e da História local, trazendo-as para o contexto da sala de aula, imagens que representem o dia a dia dos educandos, que sejam parte constitutiva de sua vivência em sociedade, do seu mundo para que possa despertar neles sujeitos de sua própria memória e História. Hall enfatiza,

As culturas nacionais ao produzirem sentido sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre nação, memórias que conectam seu presente com o seu passado e imagens que delas são construídas (1992, p.55).

O conceito de Cultura nacional, discutido por Hall, é aplicável ao nosso olhar, tendo em vista que esse processo de busca por memórias também é presente em âmbito regional e local. Buscar pela memória e História local na produção de uma identidade é também promover a autonomia dos sujeitos inseridos no ambiente educacional.

Fazendo um caminho que é o de resgate das memórias locais podemos despertar nos estudantes um novo olhar não só para a disciplina de História, mas para sua experiência de vida. Uma educação voltada à valorização do humano, que seja humilde em reconhecer-se parte não o todo, amorosa e dedicada sempre à melhoria, esse é o modelo de educação defendido e fomentado por Paulo Freire.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que falta no estudante uma construção identitária de pertencimento ao lugar de fala. De reconhecimento de si mesmo no ambiente escolar, no conteúdo trabalhado pelo professor em sala de aula. Dentro da reflexão na qual Freire é provocador, observamos a premissa de que o estudante deve se encontrar nos conteúdos trabalhados. Se compreender como agente transformador do seu meio social.

Cabe ao educador, eleger elementos constitutivos da História e da memória local, para trabalhar em suas aulas, apresentando imagens, recurso tão simples mas que pode transformar uma prática educativa, elementos que podem auxiliar o estudante no processo de construção de sua identidade, reconhecendo-se naquilo que está estudando, pois, segundo a perspectiva freiriana, educadores precisam ser solidários e quanto mais solidariedade existir entre educador e educando no trato do espaço escolar, tanto mais possibilidades de aprendizagem

democrática se abriram na escola (1996, p.97).

Consideramos também que ensinar exige de nós a compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo e que devemos ser coerentes com o que acreditamos e somos. Ensinar exige de nós liberdade e autoridade. A leitura de Paulo Freire, não apenas da obra trabalhada, mas também de outras dezenas, demonstra-nos um olhar inovador e simples, a somatória de uma pedagogia do cotidiano que valoriza o educador e o educando sem distinção deste ou daquele.

Compreendemos que a educação e todo o processo de ensino devem ser assumidos a partir da tomada de decisões. Decisões estas que mostre a autonomia do ser para si e o processo do vir a ser, do construir-se, do fazer-se e do construir agentes históricos. De acreditar na História e no seu ensino como possibilidade, maneira de se conquistar esse patamar construtivo, tendo como alicerce um ensino democrático e ao mesmo tempo crítico. Ensinar também exige saber escutar, reconhecer seu aspecto ideológico, ser disponível, optar sempre pelo diálogo tendo como foco principal a construção da História.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Ensino de História e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão. In: **Revista de História Regional**. Volume 4, Inverno; Ponta Grossa - PR.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

NETTO, Eloy Coelho. **História do Sul do Maranhão: Terra Vida, Homens e Acontecimentos**. Belo Horizonte – MG: Editora São Vicente, 1979.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro-RJ, 1992.

[1] Região banhada pelas águas do Rio Tocantins compreendidas entre o sul do estado do Maranhão, norte do Tocantins e sul do Pará, até o Araguaia.

[2] Expressão utilizada por Adalberto Franklin e João Renôr F. Carvalho, em Francisco de Paula Ribeiro, Desbravador dos sertões de Pastos Bons, 2005.